

Capital registra deflação pelo 3.º mês consecutivo

LILIANA PINHEIRO

Pelo terceiro mês consecutivo, a cidade de São Paulo apresentou deflação, desta vez de 0,11%, segundo pesquisa do Índice de Custo de Vida do Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Sócio-Ecômicos (ICV-Dieese). Mas se trata de um tipo de deflação não uniforme. Ao contrário, está trazendo distorções no planejamento das famílias. Despesas como saúde e educação, com preços sempre em alta, pesam mais no orçamento doméstico, desestimulando o consumo de bens como eletrodomésticos, roupas e calçados, cujos preços estão em queda por conta de fraca demanda do trimestre.

Isso ocorre em um cenário no qual a renda do trabalhador está estagnada ou, em muitos casos, em queda. A deflação espelha a tendência de recessão na economia, afirmou a coordenadora do ICV, Cornélia Nogueira Porto.

Nada indica que os preços dos grupos de saúde e educação vão parar de subir. Ou seja, a recessão terá como agravante uma transferência da renda ainda maior: do

consumo de bens para o de serviços essenciais, não prestados a contento pelo Estado.

Para Cornélia, é preocupante o fato de o consumidor começar a enfrentar o quadro recessivo sem muitas saídas em matéria de preços de serviços essenciais. "O serviço público é de má qualidade e os setores de saúde e educação são oligopolizados", disse. Alguns grupos dominam esses mercados, sem forte concorrência interna ou externa, especialmente o da saúde e, mesmo com a deflação, aumentam seus preços.

A pesquisa aponta as distorções. Nos últimos seis meses, a inflação foi de - 0,71%. No mesmo período, enquanto os preços do grupo alimentação recuavam 1,16% e os do vestuário caíam 5,08%, os do grupo saúde (convênios, assistência e medicamentos) aumentaram 4,44%.

Em setembro, as maiores altas foram registradas nos preços de assistência médica (+1,73%), medicamentos (+0,18) e produtos in natura e semi-elaborados (+0,98%). Os preços das roupas caíram -2,27%, e os dos calçados -1,05%.